

REVISTA, ABERTA

Lote 12 – 2º frente (x-rated)

Enfiou suavemente a chave na fechadura e rodou-a com exatidão; aquela era a sua chave, aquela era a sua fechadura – nada o poderia satisfazer mais, até porque não era todos os dias que o dinheiro podia de facto comprar a felicidade. Era uma chave bonita, quase uma obra-prima: comprida bronzeada, quase demasiado comprida para caber na fechadura, quase demasiado bronzeada para não ser notada; suave ao toque, mas turvava o chão de tão brilhante. Já a porta não era a sombra do que fora nos seus tempos áureos, jovem envernizada, mas enfim também lhe tinham dito que era sem compromissos: tanto podia usufruir dela durante uns tempos como entregá-la ao dono sem sequer esperar pela hora do comer. Ele não tencionava devolvê-la. Tirou a chave da fechadura com cuidado e guardou-a nas calças, protuberância na ganga. Foi para baixo aliviado, deveras fascinado com o arbusto à entrada, nunca tinha visto nada tão frondoso: era o paraíso. «- Por ali, se vi eira, não me lembro.»

**Froid**

Há uma boca rubra. E há um seio destapado. Mais não é preciso.

No início, era Ela ocupada na poda da planta do vaso. Ele rastejou até Ela e Ela olhou para Ele a sorrir. Num gesto de eternidade, penteou o cabelo com os dedos para trás das orelhas e desceu, obediente e silenciosa, a alça da blusa. Ele, impaciente, apertou-lhe as ancas largas. (Oh, a imagem do rapaz a trepar uma macieira curvada do jardim que depõe o seu fruto já perto do manto para que a queda grave não o impeça de lhe saber o sabor!) Tocou-lhe depois no soutien folhado; nunca no mundo foi desenhada peça mais sublime que o desgraçado pano que protege, tapando, o peito de uma mulher, mas que permite que se veja ao frio a saliência dos mamilos, somente porque seria demasiado sacrílego cobrir inteiramente o que Deus procriou com tanto amor – todo o deus precisa de seduzir para ser amado na sua eterna perfeição. Ela desceu a alça do soutien e puxou

o seio para fora, convidando à boda. Ele agora parecia mais calmo. Pressionou o indicador sobre o mamilo escuro e duro, divertido. Abriu devagar a boca e aproximou-se do que lhe havia sido oferecido de língua para fora; uma mama, uma maçã, o sol – para Ele qual a diferença? Começou a sugar, sôfrego. Ela ia deslizando a mão suja de terra pelas suas costas. Por momentos, ficou violento, beliscando e mordendo, crente no gozar do que era seu por direito. O vaso caiu. No final, cansados e aquecidos, a mãe voltou a vestir-se, pegou no bebê ao colo, limpou-lhe a boca e encostou-o ao seu ombro para que arrotasse.



Pérolas e porcos

O livro espesso sentiu-se violado de alto a baixo pelo marcador.

O executivo pousou-o sobre a mala barroca de cabedal que estava no assento de trás e saiu. Apertou o segundo botão do blazer que lhe disfarçava o abdômen, a gravidade não perdoa o Homem, a idade muito menos, e, enchendo o peito de ar, caminhou em direção ao lampião da lâmpada fundida estoirada e pisada no chão, dando a volta ao motor do carro. No ar, o toque-toque do sapato suficientemente bicudo para lhe alongar a linha da perna e dar a ilusão que mede dois metros e calça mais do que o quarenta – toda a gente sabe o que se diz dos homens com pés grandes.

Aproximou-se da puta e estendeu-lhe a mão polida. O brilho da aliança de ouro estendia-se a toda a mão, se fosse Midas, estender-se-ia igualmente ao seu sexo, mas não ali, a aliança quase nem se notava naquele beco sem luz. Talvez por isso já nem se desse ao trabalho de a tirar do dedo, nem seria preciso, quando não há compromisso, um anel no anelar não faz a diferença.

Aproximou-se da puta e estendeu-lhe a mão limpa e polida. Ela não lhe deu a mão, as putas não beijam nem dão as mãos. (Que erro, meu amor, quando não há compromisso, um beijo e um toque não fazem a diferença!) Passou por ele sem sequer o olhar e entrou no carro, ocupando o lugar do morto. Depois, o executivo desapertou o botão do blazer e, puxando um pouco as calças pelo vinco, sentou-se no seu lugar. Fechou a porta.

A puta não tem nome. Não há que se chamar Madalena para o ser, nem convinha que assim fosse, senão saberíamos logo o nome do executivo, que isto na vida é assim, umas coisas levam às outras. A puta não tem nome, mas, querendo, chamem-lhe Sara que ela

não se importa. O executivo, desculpem, não vos satisfaço que não sou puta, ficará executivo, para não correr o estúpido risco só para alguns compreensível de em jeito de homenagem lhe chamar, ou dar qualidades de, mago.

Em primeira, nada aconteceu no carro. Já puxando a segunda, teve de parar num semáforo e as mãos da puta pintadas de vermelho mexeram-se um pouco no regaço onde tinham sido enterradas desde que se sentara.

Arrancou de novo, cerrando os dentes, e, depois de meter a terceira, passou faminto a mão branca limpa e polida pela coxa roxa da mulher, não a sua, mas aquela mulher. Talvez visse a sua ao apalpar aquela, talvez por isso lhe tenha chamado "mulher", ou somente porque todas as putas são mulheres, por uma questão de género, nunca o contrário, claro. Ela deixou, não estava ali para outra coisa, uns ainda queriam conversar, mas este não, nem sequer havia ligado o rádio para criar ambiente. Frio, confortável mas incisivo, não íntimo – uma execução. Daqui para a frente, só se ouvirá o gemer dos dois, porcos que caíram do precipício possuídos por uma legião de demónios.

À quarta, já ela havia largado os sapatos e atirado as cuecas para cima do livro espesso sobre a mala barroca de cabedal; *isto, no fundo, mulheres, quem não as conhecer que as compre*. Depois, no colo do executivo, ou carrasco, conforme a metáfora, o fecho deslizou. Primeiro, para se guiar, entrou uma das mãos até tocar nos boxers de seda, por fim, atirou-se livremente de boca, olhos fechados. Como uma cega, tateando para ver.

O executivo olhou, por momentos, o espelho retrovisor e viu-se refletido, com uma ruga pregada entre as sobrancelhas e uma veia latejando na fronte.

No cumprimento da quinta, espessura diminuída, fecho subido. O orgasmo foi um jato de energia de pernil esticado em que o pé pisou potente a embraiagem e a mão empurrou a mudança num impulso para a frente, levemente para a direita.

O demais é rebobinar: a mão sai esmeradamente das calças para o regaço, a boca suja e esborratada aparece esmeradamente pintada com um batom gasto e pegajoso, diferença pouca, a camisa amarrotada do executivo está agora esmeradamente engomada... Já se sabe que as mulheres fazem tudo com esmero, foi com esse intento que Deus as criou.

No final da noite que é também início da manhã, dependendo do ponto de vista, como dois copos de gin a namorar num bar, um meio cheio, outro meio vazio, um mais bêbedo do que o outro, já o sol cegava através do brilho áureo da aliança.

Ao voltar para casa, o executivo beijou a mulher, desta vez a que tinha uma aliança a condizer com a sua. Deitada como uma pedra, não como um morto, que essa posição

está reservada para as putas, com um colar de pérolas no pescoço que se havia esquecido de tirar. Se o marido passasse mais tempo em casa, talvez tivesse notado o esquecimento e a avisasse, estendendo a mão velha branca limpa e polida.

Ao voltar para casa, a puta beijou aquele rapaz ali estendido, deu-lhe a mão com que não masturbava velhos famintos, não que a outra ainda estivesse suja, meia para bom entendedor, mas por uma questão de princípios, se é que as putas têm direito a tê-los, e, finalmente, olhou-o nos olhos.

Uns olhos muito abertos gritando que a amava não sei por que palavras, se «ainda bem que chegaste.», se «por que demoraste tanto?», se «não serei eu a atirar a primeira pedra!», o Senhor está em todo o lado, é certo e sabido, se «tenho sono, mamã...».

O executivo cheira a putas.

A puta cheira a executivos.

O livro ficou largado no carro, gozando a violação sobre a mala barroca de cabedal. Era um livro com muitos livros dentro. Um livro espesso, com muita luz dentro. Biblioteca compilada da palavra da salvação, amén.



S&M

«E depois você esquece que a união mais íntima entre duas pessoas não é a dos políticos, nem a dos artistas, nem a dos amantes na cama, nem a dos pederastas que é maior união por serem perseguidos como os cães: a união mais íntima é a do carrasco e da vítima.»

Vergílio Ferreira, *Signo sinal*

Sem pudor, um prego dois pregos três pregos (im)pressionando, rompendo a carne, o corpo: a mão a mão os pés em cópula; o sangue começa a jorrar, abrindo caminho como moisés pelo mar, vermelho; um arrepio na pele, entesam-se-me os pelos, contraem-se-me os músculos; ergo a cabeça, revolvo os olhos numa tontura devassa; eles olham-me, com um sorriso de satisfação explodindo na cara, amor-ódio, querem ter-me e querem ser-me; ergo a cabeça, revolvo os olhos porque assim o corpo violado me ordena, mas também porque eles me olham, para que eles me olhem, estamos em comunhão, eu sei o

que fazer para os agradar, grito, o peito vibra sobre eles, sobre o povo, sobre o demo, recebem o suor que cai vertical; sinto os espinhos os espinhos os espinhos, fecho os olhos como para voltar a mim, espetam-me uma lança, volto a eles, precisam tanto de mim como eu deles; diz-me, tu que chegas, vens por mim ou pelo espetáculo em si, pelo sangue, pela carne?, animal, não tem mal, coroaram-me, os espinhos os espinhos, cuspiram-me, bateram-me, bateram-me com grandes chicotes que faziam o barulho das ondas contra as rochas, não tem mal; espiam-me, Deus os homens e os espinhos, com um reles pano meio-mostrando o sexo pio, arrepio, assim me recordarão, ovelha de lã virgem, são os homens de mais poder, precisamente por o possuírem, que mais desejam entregar-se; enquanto me dão prazer, matam-me para seu bel-prazer,

Mas perdoo-lhes, pai, que eles sabem como fazer.



Ad hominem

Algures perto do rio, outono cálido ou tom cúprico, t0 tal.

Sol das cinco pela janela, *um jázinho* gelado para o jantar.

Negro o teu corpo, nego o teu copo.

Deitado no chão, sob a vista para a cidade, apareces-me deitado de sol a sol, um deitar na encosta do teu torso, um rumor de luar no peito, uma réstia de luz na escuridão, uma nascente rompendo do teu umbigo, um astro resplandecente sobre o corpo nu, queimadura de primeiro grau.

Prostrar-me a teu lado não é ceder ou fraquejar. Os meus joelhos tocam-te os ombros e bem vejo como sorris, lá dos pensamentos que te elevam sobre a vista para a cidade. Nem regressas, só sorris, como se despertasses lenta e levemente de um sonho para ouvir a campainha e logo de seguida tornar a adormecer.

A tua companhia compensa tudo nestas

Horas. Do novelo de nylon corto poucos fios. Aproximo-me de ti e beijo-te a fronte, num ritual clássico que este sol evoca. Depois, seguro com as duas mãos um fio e

envolvo a tua cabeça, dando o nó onde havia beijado. Selo o ato pousando os lábios nas tuas pálpebras fechadas.

Roubo rapidamente um fruto dos teus lábios ausentes e demoro-me no teu pescoço, beijando com cuidado a (*jesus for the*) *jugular*. Agarro outro fio e amarro-o à volta da garganta, como num condenado à morte.

Desço ao peito e encosto o ouvido ao teu coração...

Mirrado, um beijo seco no mamilo e uno os fios, embrulhando de presente cada um dos bíceps. Bebo a luz do teu umbigo e ouço o relógio.

As minhas mãos deslizam pelas coxas enlaçadas, encosto a face ao sexo murcho, ósculo, penso até que uma lágrima de gratidão, e ato-o com um fio.

Termino beijando longamente os joelhos e, sobretudo, os pés, derradeira prova de reconhecimento, não de submissão, nunca de submissão. De quatro, com fios prendo todos quatro, par a par.

Ainda não sei quem és, mas acho que preciso de te imaginar. Talvez até sejas eu.

Sim, sou eu.

Nem regressas, só sorris.

RDV

Ainda que os peitos exalem o último folgo do fogo, logram os corpos de um fervor que não falece.

«Vendo o meu amor, quem é a puta aqui?» – um soldado pensa.

O fumo do cigarro que queima independente une-os em círculos espessos, replicando sob o chão o encontro dos corpos que há pouco se enrolavam na parede.

O jantar permanece intacto sobre os tabuleiros na cama. Aliás, intacta a cama permanece; só a cama, em todo o quarto, por tocar.

Mal fechada a porta e de roupa ainda servindo o corpo, já os dedos costuravam fios de saliva nos linguados. Os mesmos dedos que, depois, procuraram explorar a fenda cava dela com habilidade, enquanto a boca carnuda sussurrava diretamente à dele palavras de espécie erma.

Encostou-a à parede e ela, não podendo dominá-lo com o olhar, enlaçou o presente ilícito como um cilício com a perna. Mera provocação, a trepa das meias tubo vermelhas (red hoes); esse perdido.

«Private!» – chega-nos irritado um sotaque da porta que dá para o corredor do hotel. Os dois erguem a cabeça, lânguidos...

Quando a viu, o soldado só queria divertir-se, era bem provável que fosse para morrer naquela guerra onde o sol nasce, e não só a virgindade lhe pesava nos colhões como uma bota como o dinheiro faz sempre falta para dar sentido à vida.

Quando a vendeu, tanta era a ânsia no olhar rasgado da rapariga que ele pensou seriamente em recusar a oferta, mas a minha capacidade persuasiva verga qualquer d'lido.

Quando a vendou, rompeu o seu olhar raso o sol do oriente no vermelho da renda e, aí, ele sorriu-me, através da câmara.



A cova d'Iria¹

A virgem brilhava de expectativa, o mesmo brilho que se diz encontrar no rosto das grávidas já nas virgens se manifesta, ovulando. Ordenou então às crianças, velhas e novas, velhos e novos todos crianças, que se ajoelhassem. Submissamente cumpriram. De joelhos na cova da Iria, línguas mexiam como se rezassem, mexiam como dedos sob saias, baixinho uma oração de amor. A cova era demasiado pequena para tanta língua, salivando amontoavam-se, muitos nem sabiam o que fazer, mas continuavam, algo dali acabaria por vir. Começavam já a entrar em êxtase, diziam ver a luz a luz. A virgem segregava obscenidades aos seus ouvidos, segredos por desvendar como seios tapados com um braço. Era pura a puta, como o leite que escorre das tetas, aliás, como uma vaca sagrada cujas tetas escorrem leite. Como conseguiu, erguendo a saia sobre as suas cabeças, vir a virgem e dominar tão facilmente os espíritos simples? Porque ficaram eles prostrados sobre a cova da Iria deixando-se sodomizar? Nisto o sol já ia alto e ninguém conseguia olhá-la de baixo. Gesticulava tanto que parecia dançar no ar e eles alimentavam-se desse gozo, sentindo a graça entrar-lhes pelos olhos pelos ouvidos e pela boca. Por fim choravam, mas cada um por si sozinho com a sua dor, batiam com as mãos no peito sujas de terra, uma dor aguda e feliz de quem não se sentia assim entusiasmado há muito tempo. Depois vieram os jornalistas, foi-se a virgem e ficaram as crianças, cansadas, e a história foi contada como se de milagre se tratasse. Porém, ainda hoje continuam os desse tempo a gemer secretamente a liberdade orgíaca com que a Iria se abriu para eles pela última vez.



Parecem bandos de pardais à solta, os portugueses

O néon inebria, (Ne) bula para comer carne em dias de abstinência. Desdobramento barroco, santinha de dia, de noite (denote) demónio, cona conotativa,

feia ferida,

foda infiel.

¹ título inspirado por *Le con d'Irène* de Louis Aragon

Símbolo e diábolu, tudo tanto tato. Em certo baile de máscaras entram e as papilas salivam, como animais. Na rua, nem para trás olhariam, ao passar. É um outro olho que come, *o bacalhau quer alho*.

A música retoca e a convenção do número dois decreta-se em réplicas no quadro da pista, *de mano em mano ou de mana em mana*. (Quando o teu número ímpar, l'azur anzol?) Antes dançar com um desconhecido do que sozinho, dizem, sozinho é triste, *erro errando errante (pela noite fora, embora a lua brilhe tanto como outrora)*. Nunca é de mais repetir «desconhecido», ninguém se conhece neste jogo circeu (mas também circense), todos anónimos, dão pérolas a porcos, não dão nomes aos bois.

Algures canta morto o santo pop avariado (ágon: ser enterrado vivo ou morrer de abominável condição inominável?), odeio esta música. Todavia,

mostarda branca, sinapsis
alba, hirta, boca aberta,

a escorrer pelos cantos como resina. Os animais na selva fagem-se, não mais que animais, senão digam-me: onde guardam a humanidade? Sem makas, dizem, é o adeus à carne.

Domingo farto, a noite acaba exangue. De manhã, tripeças escondem as marcas de mártir. Vão à missa, confessam-se. E a confissão funciona ainda como um prolongamento do sublime, prazer e dor, em cinzas. Alivia a Paixão.

De novo a dinâmica bipolar, o cerne jorra para os dois lados: se falo, sinto; se ouço, cinto. Cada palavra dita é ar chocado, língua, dentes e lábios; cada palavra ouvida é ar pressionado, rompendo frequentemente o canal. De novo saliva de novo sabor. Saber deguisado.

Ninguém te percebe, certo sabido (mingado), arrogância seria pedir mais. (Vale!)



Baile de outono

«Cai a tarde
Meu amor rega as plantas»

Adriana Calcanhotto, *Sobre a tarde*

Eu aspiro a um amor de outono. Um amor que não precise de queimar para existir, somente o calor que é calma, que sabemos que existe porque não sentimos frio, mas pode até chover, se for como agora, sem bater nos vidros e derrubar as árvores, numa trajetória vertical do céu ao chão, tranquilamente. E o odor da terra e da relva que se vai soltando: assim cheira o meu amor. Quero um amor velho. Velho de maduro, não velho de monótono, mas, mesmo que seja monótono, mesmo que esse amor seja um amor de rotina, ao menos que seja bonito, que também há beleza e paixão num amor quotidiano, eu sei que sim. E nesse amor não é preciso suar, nem é preciso arranhar, nem é preciso morder, nem é preciso sofrer. E se houver sofrimento que seja a dor de cada um, a dor antiga que vive em cada um e que cada um ajude a dar de beber a essa dor como a chuva vertical, sem bater nem derrubar. Um outono que seja homem ou mulher, um outono que dure quatro estações e uma vida curta, que a vida devia sempre ser curta, um homem ou uma mulher que se sente num sofá de um só lugar e fique a olhar o telhado do prédio em frente, um amor que não se importe de sentir o vento no cabelo e as lágrimas a fazer cócegas nos cantos da boca. Quero um abrigo, quero um amigo, um amor que é fim-de-tarde e eu chego, cansado, e sento-me no chão, pousando a cabeça no seu colo, no seu colo de mulher, no seu colo de homem, e descalço-me e dobro os dedos e sonho dançar. E o amor ali: outonal fim-de-tarde sofá abrigo. E, se eu me levantar e pegar a cara do meu amor com ambas as mãos e me aproximar da sua boca, o outono cheira a café. Eu que gosto mais de chá beijo-o com cuidado para que o café não se dissolva todo na saliva e desapareça, quero um beijo de café, um beijo platónico, se tal é possível. É que, sabes, nem sempre quero ser animal, nem sempre quero suar arranhar morder sofrer. Às vezes, só mesmo a chuva me faz amar e, se acaso fores uma alma velha como eu, perceberás como é muito melhor a luz-lago ténue e amarela do ocaso sobre o prédio do que a noite de sauna dos corpos agressivos. Só um abraço quente de lã em que os dois troncos se unem e os ramos se enrolam e não há pele nem veias nem músculos nem sangue, um abraço que não leve sempre ao fervor. Quero sentir-me

seguro, independente do meu lado animal: usá-lo, selvagem e egoísta, e enjaulá-lo para o outono. Quero o meu amor divino como uma voz lírica sobre um beat oco de madeira ou um poema francês e a limpeza dourada da harpa ou um cavalo urrando rosas ao mar.



para que conste, vale ter o gu[a]má em constante pororoca, nem que seja pelo erótico pictórico do barulho sáfico das ondas onde quebram: coxas escachadas encaixadas por dobradiça como pratas rachadas a transpirar luz ao sol; fricção extática, ouçam, ancas curvilíneas de feras onças pintadas riçando a eletricidade estática; seis seios, seixos, eixo bicado, arremessados; cachos escadeados encaracolados em rixa nas frestas do torso; bocas ratam todas bocas

se a perda
procela
aperta-me

que ar ou lei na mar[é]
esse elo?

ao sul
refrega
aperta-me

perto do leito vazo
naufrega



Plúmbea ekphrasis de breve mão Dada d'um homem e sua mulher rompendo o mar em slowmotion

O sol bate-me diretamente no rosto e, embora de olhos fechados, não é no escuro que me encontro. Filtrada pelas pálpebras vitrais, a luz produz um efeito caleidoscópico que me deprime e anima.

Abro os olhos da preguiça e, esmaecidas as cores do sistema solar, vejo tudo em tons de chumbo. Apoio-me nos cotovelos, peito aberto, fincando-os bem na areia. Fito as ondas com enfado, enquanto não se restituem as cores nos meus olhos, e, então, vejo.

Irrompem do mar em manancial e, de tão longe e tão fundos no mar, quase só as cabeças permanecem fora de água. Vão saindo aos poucos do ventre marinho, húmidos e lustrosos.

A mulher sacode o cabelo viscoso de salitre e amarra-o com ambas as mãos. Uma gota de suor rebenta gorda da testa, unge o canto do olho e invade facilmente a fenda lubrificada dos lábios. Brota outra da clavícula que mergulha necessariamente nos seios e desliza como uma língua até ao umbigo, onde se demora.

Lentamente, a mulher estende a mão ao homem e os dedos penetram no espaço-entre, preenchendo o vazio natural das membranas. Ambos sorriem lascivamente e a concha das mãos dadas roça de quando em vez quer a perna de um quer a perna de outro, acariciando. Caminham muito devagar, submersos na vaga de calor que turva a vista em breves jatos de vertigem.

O homem tem um porte de mastro que imana um cheiro forte a mando, os braços largos e o tronco sulcado em sequências de vales e planaltos de pele queimada. As pernas de ébano cinzelado rasgam com vigor o íman da água que se lhes vem colar, passo a passo, escorrendo-lhe espuma branca pelos pelos.

Os corpos são inteiramente beijados pelo sol; lambuzados os ombros, as costas, as nádegas, as coxas, num deboche de cascata fluida. O sexo, o dele como o dela, violado na sua nudez pelo coito das ondas possantes, jorra água do mar de volta ao mar...

Subo: ele aperta o corpo dela contra si, sentindo-lhe molhados e firmes os seios, e lambe-lhe o sal e o sol dos lábios.

Finalmente, começo a distinguir as cores. Viro-me de barriga para baixo e fecho novamente os olhos, indiferente, entregando-me à nitidez do caleidoscópico com a certeza de que, já dizia o escritor, todos os corpos são belos saídos da água.

Ben, u r on!

- Hoje não, dói-me a cabeça.

Assim todas as sextas-feiras, desde que voltara para casa.

Ninguém sabia porque fugira, muito menos o que o fizera voltar.

- Hoje não, dói-me a cabeça.

- Já tomaste um ben-u-ron?

- Não gosto de medicamentos, comigo é tudo ao natural.

- Não sejas pímulas.

Assim todas as sextas-feiras de sexo.

O marido já não conseguia o cumprimento do cumprimento.

- Ora bolas, já não se pode não ter vontade?

- A culpa é da vontade, é. Andas mas é com outra, é o que é.

Ben sentiu-se ferido como um passarinho e atirou-se a Mary como um leão.

Rasgou-lhe as cuecas com os dentes, rráu, e arranhou-lhe as coxas com a barba.

Como um leão.

Mary gostou, claro, um rráu calha sempre bem.

Estava até estupefacta: não conhecia nenhum conto ou fábula em que um passarinho se transformasse tão vigorosamente em leão.

Teria, portanto, de ferir mais vezes seu passarinho para consolar a passarinha...

Mary gostou. (Qual ben-u-ron, qual quê!)

Ben não sentiu nada nada nada. (Piu.)



V[II]HS

«You could'a been a legend
But you became a father»

The National, *Slipping husband*

Por no verão aquecer, o Joel deprime.

Ao contrário do senso comum, quem disse que a maioria determina a verdade?, explode agosto e este homem deixa sair os filhos para a praia e fecha-se no quarto à sombra do armário, deprimido porque o excesso de tempo livre o obriga a enfrentar aquilo em que se tornou.

Vai buscar as cassetes de vídeo e fecha-se no quarto com um pacote de lenços; o calor aperta lá fora e solta-se dentro dele. Insere uma na abertura, as unhas roçam os lábios, e senta-se em frente numa posição cómoda, à espera.

O filme começa com um travelling celeste, enquanto fogo-de-artifício fertiliza o palato sideral como espermatozoides de cabeça cortada. Corta para o título.

Depois, um ritual. O homem reconhece-se: de joelhos. Ao seu lado, a melhor amiga que se tornaria sua esposa. E vários homens ao redor, sobre ele, caras que hoje, vinte anos depois, se lhe afiguram como a perfeita alegoria da juventude perdida.

À medida que a longa se vai desenvolvendo, o círio jovem erguendo-se em todo o seu esplendor rochoso de caliburn a gosto, os lenços molhados caem-lhe aos pés.

Finalmente, a boda, numa curra de convidados revezando-se na *dansa* que entremeia o banquete. Macros de arranjos de flores de cheiro e do trinchar da carne que dilata e se esvai em seiva e rangidos de satisfação.

A duração do cacete chega ao fim e o Joel fica em silêncio, a pensar que aquele tinha sido o ápice do dorso da sua vida, a pensar em tudo o mais que poderia ainda ter conseguido, não fosse. E o dinheiro que poderia facilmente ter juntado, que com os mesmos homens se ganha mais do que com outras mulheres.

Com uma crise existencial assim é difícil limpar da frente o jáculo quente da há muita extinta carreira de ator gay porno.



Tinha uma pedra no meio do caminho (dur' mundo) no meio do caminho tinha uma pedra e, não fosse ter tropeçado nela, não teria reparado nos calceteiros com os calções quase pelos joelhos; ei-los. Olho-os, intrigado, pergunto-me como será ter um cu listado, meio-bronze meio-cal – tal e qual.

As mãos calejadas arrumam as pedras do passeio, parando de quando em vez, impudicas de anseio, para arrumar as viris pedras do xadrez (come o bispo ou o bispo come-te); de costas, um deles decide não mais usar boxers. Passa o cão. Não longe, não raro, ouve-se um grito são joanino.

Percebem, por fim, que os olho e atiram-me palavras como pedras (*shari'a*), jatos brancos que me acertam no queixo, na boca e em derredor, rimas barrocas que me enchem de cor o rosto. Fujo, tão *envergonhado* que acabo por entrar na primeira porta que encontro aberta (e não é assim, ordinariamente?).

Lá dentro, a abafar a palha, os animais e, no centro, um rapaz descascado, entregando-se aos demais que lhe pagavam com joias o o(ri!)fício aceite... Galo, co' que canto acabarás tu este conto, pela manhã?



Calas a mãe morta

E depois gasto acordei a pensar que a minha mãe tinha morrido, hei um dia de chorar chorar chorar esta perda este dano pior do que a fecal outra verdade, *escutei-me a mim próprio fora de mim soava acidentalmente como o ronronar de um gatinho, mas sei eu lá*, escrevi-te a dizer menos que precisava de te ver e vesti-me de branco vestal, certo de que hoje começa a primavera, não em mim transatlântico, e de que breve estaria finalmente nos teus braços para deles retirar a força de que preciso e uma ocasional ferida de fricção, falando pelos nervos dos cotovelos até ter de me despir inteiramente engolir a humilhação da nudez e dobrar-me em corpo e alma, que sempre é sobre-real porque absoluto, para poder ver de fora como quem espera a sua vez os nossos corpos retrovisores em choque na cadeira, mas além da acidez da luz cresce em mim uma oração que não quer ser sacralizada

eu sei-me, senhor, indigno de entrar em tua morada,
mas direi ‘ma só palavra e, então, estarei a salvo

e logo re-entro deus em mim, entusiasmado, para me aproximar do teu olvido leal e lhe poder sussurrar a palavra redentora do meu desejo ainda em sangue que imagina como serias de cabelo comprido agora que o leite secou e nos tomou o choque que só o tempo conseguirá erodir paulatinamente, chovendo rio oiro.



diva nudi vã [1/2]

E estou nua – aberta e gasta como uma revista de consultório.

Nunca antes me entreguei tão completamente a alguém. O meu corpo não conhecia intimidade assim, tão violenta e sincera.

Ela pergunta-me se quero continuar, esgotado que estava o tempo marcado. Como fui eu deixar que me vissem a forma? Obrigou-me a despir, amarrou-me para que não voltasse a cobrir-me e agora diz-me para continuar porque quer observar-me mais de perto, quer entrar em mim e possuir tudo o que é meu? Acrescenta que não terei de pagar mais do que o combinado e sorri com um olhar penetrante de dedos em fendas e feridas.

Deito-me, virando-lhe as costas. Choro e arranho a pele do divã com as unhas limadas, enquanto gemo baixinho. Ela consola-me. Gosto da forma silábica como pronuncia o meu nome: Di-va; a cada sílaba, entesam-se-me os pelos num arrepião múltiplo com a respiração dela na minha nuca.

O meu corpo suado é pressionado contra o divã num torpor de sentidos, sei que estou descontrolada. Levanto-me de repente e, percebendo que me quero ir embora, levanta-se também e abraça-me demoradamente. O seu odor é doce doce.

Aliso a roda bordada da saia com as palmas das mãos e saio.

Na receção, dizem-me que a próxima consulta só poderá ser em setembro porque a minha psicóloga vai de férias. Não me sinto de todo limpa ou melhor do que antes. Se calhar, nem volto.



diva nudi vã [2/2]

Foi a única coisa que ele disse, e os músculos tremeram-lhe no peito escuro, que costumava demorar e não raro doía.

Deitei-me, outro divã, e perguntei se não podíamos ir mudando de posição. O neg'o negou.

Depois, desabotoei a blusa, enquanto ele esterilizava o brinquedo, e inspirei bem fundo para me acalmar, mas a princípio foi difícil porque as mãos dele estavam demasiado geladas para o serviço.

Pela vibração foram aquecendo e logo logo me senti totalmente extasiada, quão leve tremor, prazer e dor como naturalmente acontece, sempre juntos, mãos dadas, dentes e lábios.

Sentia na pele a violência de tanto tato.

E ele era infatigável, de olhar devorador tresmalhado no meu peito e mãos trabalhando-me com arte. Percebia-se que estava a gostar. Rasgava-me com viril precisão e eu sentia o visgo a molhar-me por dentro, inundação nunca antes sentida, sim, porque aquela era a minha primeira vez e ele sabia.

Por momentos, senti que a face se me enrubescia de vergonha: tinha ali aquele homem sobre mim e eu despida e tão gorda a recebê-lo, tão gorda e a sentir as suas mãos de fogueira em mim (e fogo em mim), tão gorda e ainda a inundar-me, como ficaria depois?, tão gorda e corada e ele, ei-lo!, digno de Caetano.

Quando acabou, senti o brinquedo a sair sujo e pingando de mim. Ele deu uma gargalhada, satisfeito, e eu acordei do transe.

Levantei-me, morna e dorida, com a blusa húmida pendendo e ele pousou uma palma das grandes – achas – no fundo das minhas costas, sugerindo que eu me fosse ver ao espelho.

Caminhei, ainda atordoada e atestada de antecipação.

Porém, quando vi a rosa tatuada a brotar do decote, não senti o que pensava que sentiria: continuava gorda e infeliz, sozinha ante o espelho. Mais um espelho e um preto e um divã em vão.

I

LOTE 12 – 2º FRENTE (X-RATED)	2
FROID	2
PÉROLAS E PORCOS	3
S&M	5
AD HOMINEM	6



II

RDV	8
A COVA D'IRIA	9
PARECEM BANDOS DE PARDAIS À SOLTA, OS PORTUGUESES	9
BAILE DE OUTONO	11
<i>para que conste, vale ter o gu[a]má em constante pororoca</i>	12
PLÚMBEA EKPHRISIS DE BREVE MÃO DADA D'UM HOMEM	13



III

BEN, U R ON!	14
V[I]HS	15
<i>Tinha uma pedra no caminho (dur' mundo) no caminho tinha uma pedra</i>	16
CALAS A MÃE MORTA	16
DIVA NUDI VÃ [1/2]	17
DIVA NUDI VÃ [2/2]	18